



# O PIONEIRO E MÁRTIR DO BRASIL NO EMPREGO DE FOGUETES MILITARES

Cláudio Moreira Bento

## UM FEITO MEMORÁVEL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

**A**o anoitecer do calorento 7 de fevereiro de 1827, em Bajé, atual, no acampamento do Exército do Sul, junto ao arroio Lexiguana, ao comando do mineiro de Mariana, Marquês de Barbacena, teve lugar a primeira demonstração no Brasil do uso de foguetes como arma de guerra. Dois dias antes, naquele local, Barbacena em operações defensivas contra orientais e argentinos, no contexto da Guerra Cisplatina 1825-1828, concretizara um dos mais memoráveis feitos do Exército brasileiro. Ou seja, operar junção depois de 23 dias de marchas forçadas e a despeito de chuvas e enchentes, de dois grupamentos de suas forças separados por 300 km. Do grupamento ao seu comando, situado em Santana do Livramento, sob a cobertura de flanco do Marechal Barreto e do grupamento ao comando

do General Henrique Braun, situado em Pelotas, depois de trazido ao Rio Grande pelo próprio Imperador D. Pedro I e sob a cobertura de Bento Gonçalves, desde Jaguarão. Barbacena conseguiu transpor suas forças da bacia do Uruguai para a da Lagoa dos Patos, quando tropas de Alvear, fortes em Cavalaria, encontravam-se detidas em Bajé por enchentes lá ocorridas, fato abordado por Tarcísio Taborda em *Invasão Argentina de 1927*, Fumba, 1972. Depois de memorável e modelar transposição do rio Camaquã-Chico em cheia, para sua margem direita, Barbacena reuniu todo o seu Exército em Lexiguana, em região montanhosa da Serra dos Tapes, extremamente favorável à sua força baseada na predominância de Infantaria e interposta entre Alvear e os três mais importantes centros do poder gaúcho, Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Participou do grupamento de Barbacena o então



Alferes Manoel Luiz e atual Patrono da Cavalaria.

## CONSEQÜÊNCIA DO FEITO DE BARBACENA

Não tivesse Barbacena conseguido este grande feito, sua tropa seria batida por partes e Alvear teria ocupado facilmente, e sem resistência, todo o Rio Grande do Sul. Depois da junção no dia 5, o ambiente foi de euforia. Os dias 6, 7, 8 e 9 foram aproveitados pelo recém-chegado da Europa, Chefe do Estado-Maior do Exército do Sul, Marechal Braun, renomado tático de Infantaria, para exercitar, em conjunto todo o Exército e nele integrar tropas alemãs de Infantaria e Cavalaria que trouxe do Rio, além de mostrar novidades em ciência de guerra trazidas das Europa. Dentro deste último contexto acreditamos tenha trazido com sua tropa alguns exemplares de foguetes à Congreve, criação do engenheiro e artilheiro inglês William Congreve (1772-1828), que tiveram largo uso contra Napoleão. Eram usados taticamente, sem precisão, na direção de formações de Cavalaria, em carga, visando dispersá-los por assustar os cavalos. Presumimos que Braun, que fora Coronel do Hannover, tenha encarregado um filho daquela terra o Tenente Siegener, veterano de Waterloo, para realizar uma experiência com a nova arma para o Exército do Sul. Segundo se conclui do Capitão Seweloh, testemunha ocular, o Tenente Siegener "não tomou as precauções de vidas. Abusou da escorva e os três foguetes estouraram próximo dele sendo que o último a seus pés". Recebeu ferimentos generalizados sendo seis de natureza grave. Foi colocado numa carreta e evacuado para a localidade mais próxima — a atual cidade de Caça-

pava do Sul, tendo morrido no caminho e sepultado, dia 9, naquela localidade. Com esta trágica e frustrada experiência, Siegener tornou-se o pioneiro e primeiro mártir no Brasil do uso de foguetes militares.

## IMPORTÂNCIA DE SIEGENER PARA O EXÉRCITO

Com a introdução dos foguetes no Exército do Brasil, e as perspectivas futuras promissoras de seu emprego generalizado, Siegener ganhou importância. Em 1978, o Estado-Maior do Exército desejou conhecer mais sobre a vida e obra daquele pioneiro e mártir. Encaminhou solicitação ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, que através de seu Presidente, General Jonas Correia, encarregou o Tenente-Coronel Henrique O. Wiedersphan de realizar a pesquisa, como uma das maiores autoridades brasileiras em assuntos militares relacionados com a Guerra Cisplatina 1825-1828. Este, por sua vez, recorreu aos préstimos do historiador Dr. Carlos H. Hunsche, nosso confrade no Instituto Histórico de São Leopoldo e autoridade em assuntos relacionados com a colonização alemã no Rio Grande do Sul. Depois de ingentes esforços de pesquisas no Brasil e na Alemanha, os dois confrades citados produziram o seguinte resumo biográfico do pioneiro e mártir Siegener, em atendimento ao Estado-Maior do Exército:

### O Pioneiro e Mártir Segundo Wiedersphan e Hunsche

Carl Ludwig August Siegener. Filho de Johan Georg F. W. Siegener (mestre de obras distrital) e Johanna Dorothea Carolina Behrens. Nasceu em Celle, no reino de Hannover em 4 de setembro de



1798, sendo batizado a 20 na igreja evangélica-luterana de Blumläger. Com 15 anos ingressou e jurou bandeira no Corpo Hannoverano de Caçadores de Campanha de Kielmansegge, com sede em Neuhaus, Kreis Celle. Em 21 de abril de 1814, foi transferido com o posto de alferes para o Batalhão de Campanha de Infantaria de Bremen. Em 6 de maio de 1814, foi incluído no Batalhão de Lunenburg (2ª linha). Nesta Unidade, como alferes, e integrando contingente da Legião Anglo-Alemã (hannoveranos, hanseáticos e ex-combatentes contra Napoleão em Portugal e Espanha) tomou parte na decisiva batalha de Waterloo, epílogo da brilhante carreira de Napoleão. Depois recebeu medalha comemorativa desse histórico evento. Foi desmobilizado e dispensado em 1º de maio de 1817, ficando no entanto relacionado como alferes, de 1818-1820, no Batalhão de Gifhorn.

#### Vinda de Siegener para o Brasil

Siegener reapareceu cinco anos depois, ainda como alferes, desembarcando de bordo do veleiro hamburguês *Anna Louise*, em 26 de fevereiro de 1826, no porto do Rio. Fora contratado para prestar serviço militar ao Brasil, numa das quatro unidades de estrangeiros organizadas por D. Pedro I. Coube-lhe servir no 3º Regimento de Granadeiros. Veio ao último embarque, contratado em 1825 pelo Major Anton Georg von Shaeffer encarregado, pelo Brasil, de contratar, particularmente na Alemanha, imigrantes civis e militares. Sobre este embarque de cerca de 400 pessoas, na maioria militares, o Major Shaeffer referiu tratar-se de "oficiais de nobres nascimentos e com recomendações dos seus antigos chefes". Em 24 de novembro de 1826, Siegener embarcou

para o Rio Grande do Sul no comboio marítimo, no qual o Imperador D. Pedro I, pessoalmente, levava reforços para o Marquês de Barbacena, Comandante do Exército do Sul, encarregado de fazer a guerra aos orientais e argentinos. Siegener acompanhou a comitiva de D. Pedro I até este ser obrigado a retornar ao Rio, por motivo do falecimento de sua esposa — a Imperatriz D. Leopoldina. Siegener viajou do Rio a Santa Catarina, por mar, e daí até Pelotas, por terra. Deixou esta última cidade em 13 de janeiro de 1827, por água, via canal de São Gonçalo, Lagoa Mirim, rio Jaguarão para seu encontro com a História Militar do Brasil no arroio Lexiguana, em Bajé, como o seu pioneiro e mártir no emprego de foguetes militares.

#### Marechal Braun Parente de von Braun

O Marechal Braun que acreditamos tenha patrocinado a experiência com foguetes levada a efeito por Siegener, é parente daquele que cerca de um século depois seria o criador das bombas voadoras V-1 e V-2 e que ligou-se intimamente no envio do homem ao espaço e à lua como subdiretor da NASA — o cientista Eric von Braun. Maiores detalhes sobre o contexto da morte de Siegener poderão ser buscados em nossos trabalhos *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS*, P. Alegre, IEL, 1975, e "Batalha do Passo do Rosário e Marchas Estratégicas para a Batalha do Passo do Rosário" publicados na Revista *A Defesa Nacional* nºs 672 e 680, coordenada pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Os foguetes à Congreve foram usados pela Artilharia brasileira nas Guerras contra Oribe e Rosas 1851-1852 e Guerra do Paraguai 1865-1870. Sobre a natureza dos resultados obtidos com seu uso,

os relatos disponíveis nada mencionam. Têm sido procurados com ansiedade por estudiosos brasileiros, sem êxito, exemplares de rampas (estativas) de lançamento dos referidos engenhos. Estudiosos norte-americanos têm solicitado ao Brasil, sem sucesso, informações a respeito. Seria interessante descobrir-se estes elementos, desafio que lançamos desta coluna. Na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-1852, dela participou o "brummer" Capitão Eduardo Siber, integrando o Regimento de Infantaria prussiano

contratado pelo Brasil. Ao retornar à Alemanha, produziu trabalho que reflet<sup>1</sup> uma série de magoas contra o Brasil. Em certa altura escreveu<sup>2</sup> "O Sr. Welnelt, da Silésia, vendeu ao Governo brasileiro, por um dinheiro enorme, o segredo dos péssimos foguetes à Congreve".

1 - Do autor *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS*.

2 - SIBER, "Retrospecto da Guerra Contra Rosas", in RIHGB, t. 78, parte 1<sup>a</sup>, 1915, p. 394 trad.: Alfredo de Carvalho.



*O Cel Eng OEMA Claudio Moreira Bento foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e exerce atualmente a função de Comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, em Itajubá, Minas Gerais. É membro da Academia Brasileira de História, do Instituto de História e Geografia do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e do Instituto Histórico e Etnográfico do Paraná.*